

GOVERNO

Sarney avalia eleição com líderes

por Helena Dalto
de Brasília

O governo precisa marcar sua presença no cenário político nacional com realizações efetivas que beneficiem o povo, solidificando a união entre PMDB e PFL no Legislativo e Executivo, na base parlamentar e na partilha de cargos, para que as duas agremiações sejam vitoriosas nas eleições constituintes, em 1986, e na sucessão presidencial. Essa foi a diretriz traçada ontem pelo presidente José Sarney aos líderes e ministros do Conselho Político do governo, tendo em vista a atuação política pós-eleições dos prefeitos.

O presidente orientou os dois partidos para que façam um balanço geral das eleições, uma análise consistente das vitórias e derrotas e uma reciclagem de atuação para obterem melhores resultados nas urnas do próximo ano. Um item que mereceu destaque na reunião do presidente com o Conselho Político foi a vitória de Jânio Quadros em São Paulo. Para Sarney, Jânio é inegavelmente uma figura carismática e habilitada para obter votos e precisará, de agora em diante, ser ouvido pelas lideranças políticas, pelo fato de o ex-presidente, além de obter a vitória, ter-se novamente lançado no cenário político nacional.



Fernando Lyra

A avaliação de Sarney, compartilhada principalmente pelo ministro da Justiça, Fernando Lyra, e pelo líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, é de que Jânio não pertence e nunca pertenceu a nenhum partido político. Jânio, segundo Sarney, Lyra e Chiarelli, atua de forma individual, e, nesse ponto, leva alguma desvantagem, num momento em que os partidos políticos começam a solidificar-se no País, afirmação que deve ser acentuada na Constituinte.

A vitória do PT em Fortaleza, a quase vitória em Goiânia e a votação expressiva que o partido obteve em São Paulo também mereceram destaque na avaliação do presidente e do Conselho Político, além do fortalecimento do PDT de

Leonel Brizola. Sarney, segundo Carlos Chiarelli e Fernando Lyra, acha que o crescimento do PT é uma prova de que o quadro partidário está mais solidificado no País, fruto da liberdade e da abertura política. O partido, avaliaram os líderes, mostrou que tem espaço político.

Em nenhum momento, contudo, foi analisado explicitamente o reflexo destas eleições na sucessão presidencial durante a reunião. O ministro Fernando Lyra tem uma explicação para esse fato. Segundo ele, houve, sem dúvida, uma grande derrota do PMDB em São Paulo, mas não concorda que essa derrota tenha sepultado definitivamente as candidaturas à sucessão presidencial de Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso ou qualquer outra liderança do PMDB. Isso porque, acrescenta Lyra, o processo de sucessão presidencial será efetivamente deflagrado somente em 1988, após a Constituinte.

"O processo político é muito dinâmico para que possamos fazer avaliações definitivas destas vitórias e derrotas. Não podemos fazer avaliações nesse sentido, pois, do contrário, quando falarmos em derrota de Ulysses falaremos na derrota de Aureliano Chaves em Minas. Se formos falar na derrota de Monto-

ro teremos de lembrar a derrota de Marco Maciel no Recife. Finalmente, se lembrarmos da derrota de Fernando Henrique Cardoso poderemos também falar na derrota do ministro Paulo Lustosa em Fortaleza."

A conclusão geral, segundo o senador Carlos Chiarelli, é de que ficaram equilibrados, para os dois partidos, os débitos e créditos do pleito. Na reunião também não foi analisada a derrota do presidente José Sarney, em São Luís (MA), onde apostou no deputado Jayme Santana, que perdeu para Gardênia Gonçalves, do PDS. Mas até nesse item da pauta extra de avaliações do Conselho Político os líderes concluem que as eleições serviram para equilibrar as forças do governo: Ulysses perdeu em São Paulo e Sarney no Maranhão, único estado onde o PDS conseguiu fazer prefeito de capital.

Outra conclusão de Sarney e do Conselho é de que o grande vitorioso nestas eleições foi o governo, pois, apesar das dificuldades políticas, econômicas e financeiras, foram garantidas as eleições "mais livres e democráticas do País das últimas décadas", afirmaram Lyra e Chiarelli. A criação de novo partido, defendida pelo ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, pelo ex-ministro e ex-senador Jar-

bas Passarinho e setores do PDS, com objetivo de dar sustentação política ao governo, está definitivamente sepultada, conforme avaliação feita por Sarney, ministros e líderes do Conselho.

"Quem quiser formar partido que forme, mas não para ser o partido do governo. Não há necessidade, estrutura nem espaço para isso", transmitiu Chiarelli, observando que o quadro partidário está montado para a Constituinte e um novo partido seria "um salto no escuro".

A Aliança Democrática necessita, mais do que nunca, dos partidos que dão sustentação ao governo estará aberta a novas ações. O presidente José Sarney convenceu os membros do Conselho Político de que PMDB e PFL podem conviver de forma mais harmônica, solidificar sua ação parlamentar, ter consciência de que, cada um está no ministério, deve compartilhar cargos com o outro, "num espírito de coligação permanente", relatou Chiarelli.